

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR: QUESTÕES DA PRÁTICA DOCENTE

DAMKE, Anderléia Sotoriva – FASUL/UNIPAN
sotodamke@yahoo.com.br

GONÇALVES, Josiane Peres – PUCRS/UNIPAN
josianeperes@unipan.br

SZYMANSKY, Maria Lídia – UNIOESTE/UNIPAN
szymanski@hotmail.com

KLIEMANN, Marciana Pelin – UNIPAN
marciana@unipan.br

Área Temática: Profissionalização Docente e Formação.
Agência Financiadora: não contou com financiamento.

Resumo

Essa pesquisa trata da institucionalização da avaliação no contexto escolar, como a avaliação é pensada e praticada pelos professores, o que nos remete a refletir sobre a formação de professores. Inicialmente, exploramos o conceito de avaliação que compreende o contexto do aluno e a real situação de ensino que está sendo proposto para ele. Entretanto, o conceito apresentado nem sempre faz parte da realidade da avaliação que, às vezes, compreende situações diferentes do que deveria ser. Na sequência discutimos a avaliação e implicações da cultura escolar que abrange todos os envolvidos e todo o funcionamento que ocorre no seu cotidiano, o que inclui desde a avaliação no processo de ensino aprendizagem aos processos de socialização entre professores que anunciam uma dinâmica cultural particular da instituição. Em seguida, abordamos a institucionalização da avaliação escolar, ou seja, como a prática avaliativa é condicionada por essa institucionalização que conduz à organização dos trabalhos escolares, à transmissão de saberes e à própria inculcação de valores. Esta situação ocorre através das práticas regulatórias e coercitivas que comandam o ritmo da padronização dos hábitos escolares, que poderia ter relações com a forma dos professores avaliarem. E, ao final, sistematizamos através da pesquisa qualitativa uma análise das práticas avaliativas dos professores e constatamos que os pensamentos distanciam-se das falas e nem sempre se aproximam da avaliação praticada. Assim, adotamos uma postura de analisar o desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e social e, ao realizar a avaliação, nos deparamos com os conceitos já institucionalizados, ou seja, predeterminados, que transmitem segurança nas formas de praticar a avaliação do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação; Cultura Escolar; Institucionalização.

Introdução

Ao iniciar a reflexão sobre avaliação é importante fazer um questionamento sobre o que significa avaliar, ou ainda, como o processo avaliativo é praticado no ambiente escolar e qual a sua relação com o contexto, ou ainda, com o grupo e com a dinâmica cultural da instituição. Tais questões são importantes, talvez centrais, em nossa discussão sobre essa temática.

Convém ressaltar que a avaliação, para alguns professores, é um processo que gera dúvidas e insegurança. Essa situação é considerada não só na Educação Básica, foco desse estudo, mas também no Ensino Superior. Nesse caso, destacamos a compreensão dos professores do Ensino Fundamental na prática avaliativa dos alunos e a relação da cultura institucional nesse processo.

Avaliação: Análise do conceito

Ao estudar o conceito de avaliação, nos reportamos a Souza (2001), em que avaliar significa se defrontar com dificuldades próprias ao ato de aprender e o seu diagnóstico de dificuldades deve ser compreendido, não somente como um veredito que busca culpar ou absolver o aluno, mas sim como uma análise da sua situação escolar atual. Nesse caso, entendemos que o sentido de avaliar abrange o contexto do aluno e a real situação de ensino que está sendo proposto para ele.

É importante mencionar que avaliar não significa só verificar o rendimento do aluno, mas a contextualização do conhecimento que implica no processo de aprendizagem. Assim, destacamos a necessidade de uma avaliação que contribua com o desenvolvimento integral do aluno, que pode ser compreendido como social, físico, cognitivo e afetivo.

De acordo com Luckesi (2005, p. 45) a avaliação deveria auxiliar, funcionando como um alicerce para qualificar o que acontece com o aluno, ou seja, os objetivos que se têm e as formas de ajudá-lo a alcançar o que procura. Nesse sentido, a avaliação deveria ser um referencial tanto para o aluno, quanto para o professor em delinear o caminho para uma aprendizagem significativa. Com relação a essa busca, o autor destaca a importância dos erros nesse processo em que devemos considerá-los como percalços do caminho, com os quais podemos aprender e assim evoluir, porém não devem ser alvos a serem buscados.

É importante refletir que, às vezes, o ato de avaliar não apresenta a conotação já comentada, mas adquire outra conotação que compreende formas de avaliação institucionalizada pela cultura escolar. E, assim, a avaliação é realizada a partir do pressuposto que os professores têm da dinâmica da escola, o que implica em estreitas relações com a cultura institucionalizada. Nesse caso, os professores estariam priorizando formas sociais de avaliação construída pela interação do grupo com a instituição. Nesse contexto, abordamos na seqüência a avaliação e cultura escolar.

Avaliação e Cultura Escolar

Ao abordar a relação da avaliação com a cultura escolar, destacamos nesse item a compreensão de cultura escolar e suas implicações no processo avaliativo. A cultura escolar poderia determinar algumas práticas avaliativas através de suas regulamentações já predeterminadas, o que implicaria em modos compartilhados de pensar e compreender a avaliação.

Na concepção de Frago (1995, citado por GONÇALVES e FILHO 2005, p. 40), a cultura escolar é compreendida como um conjunto dos aspectos institucionalizados, que caracterizam a escola como organização a ser observada por vários ângulos, dentre os quais pode se referir a uma cultura própria do estabelecimento escolar. Ou ainda, o autor menciona que pode ser semelhante a um conjunto ou centro marcado por contrastes com os outros, a exemplo de escolas rurais, faculdades de direito, área territorial determinada, ou ao mundo acadêmico em geral.

Com base na situação acima, compreendemos que a cultura escolar abrange todos os envolvidos no âmbito escolar e todo o funcionamento que ocorre no seu cotidiano, o que inclui desde a avaliação no processo de ensino e aprendizagem aos processos de socialização entre professores que anunciam uma dinâmica cultural particular da instituição. Neste caso, a escola é considerada como uma organização que expressa uma cultura própria nos modos de interpretar os acontecimentos que surgem.

Para Gonçalves e Filho (2005, p. 41), a fala de Frago (1995) sinaliza uma cultura que compreende toda a vida escolar, desde a elaboração das concepções sobre o processo de ensinar e aprender à ação da efetiva prática escolar, em que são mobilizados tanto os corpos como as

mentes, tanto o lidar com os objetos quanto as condutas que significam modos de pensar, de dizer e de fazer. A cultura da instituição escolar exerce relações de poder no seu cotidiano, que regulam as práticas dos professores e implicam nas formas de avaliar os eventos que ocorrem.

E, assim, cria-se um ciclo vicioso mencionado por Filho et al (2004, p. 151), as práticas produzidas pelos sujeitos (os professores), no cotidiano escolar também os produzem, pois os professores praticam suas ações conforme o sistema da instituição escolar. Tais ações poderiam ser realizadas sem o professor perceber que está sendo condicionado pela cultura da instituição.

Entendemos que cultura significa uma forma de expressão da vida e do agir das pessoas, e assim constitui um conjunto de significados e representações da sua vivência em sociedade. Essas expressões são partilhadas nas interações sociais, o que compreende o modo como o sujeito pensa e percebe as situações que ocorrem em seu cotidiano. Assim, nas interações, ao socializar conhecimentos, valores e expectativas, ocorre uma dinâmica cultural, que possibilita às pessoas reconstruírem suas interpretações sobre a realidade e, ao mesmo tempo em que transformam a cultura, também são transformadas por ela.

No cotidiano escolar os professores interagem através de suas crenças, experiências e referências culturais, as quais podem produzir uma forma social de compreender a avaliação, implicando num modo de produzi-la. Dessa forma, os professores interagem entre si, cada um com suas histórias de vida e crenças adquiridas através da experiência em instituições, divulgando posturas e valores do seu ambiente, realizando, assim, intercâmbio de informações que poderiam auxiliar na elaboração e na produção própria da cultura institucionalizada do ambiente escolar.

Com relação à cultura, Sacristán e Gómez (2000, p. 69) apontam que, o desenvolvimento do ser humano, no decorrer da evolução histórica, teve seu crescimento subjetivo e individual condicionado pela cultura, interações sociais e materiais com o mundo físico e com o simbólico das idéias. Ou seja, somos resultado da complexa história de intercâmbios e interações, em que os produtos formam a cultura e o meio natural de desenvolvimento do sujeito e da coletividade.

Ao escreverem sobre o conhecimento da vida em sala de aula, nas relações entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, Sacristán e Gómez (2000, p. 71) nos fazem refletir sobre os modos como os professores avaliam a aprendizagem dos alunos pois, segundo os

autores, a aula é formada como grupo psicossocial, em que os intercâmbios e as interações desenvolvidas afetam todos os atores envolvidos nela.

Mesmo que Sacristán e Gómez (2000) se refiram às influências recíprocas entre professores e alunos, nossa reflexão envolve a questão das interações e intercâmbios que ocorrem entre os professores, devido à diversidade de culturas, que são compartilhadas no cotidiano escolar, influenciando de alguma forma na compreensão dos professores sobre as forma de avaliar. Assim, também as formas de avaliação dos professores poderiam ser mediadas pelo contexto cultural do ambiente escolar, que expressa nas relações sociais uma forma particular de perceber os acontecimentos, resultantes das interações entre os envolvidos com a cultura institucional, abrigando uma percepção social própria da instituição.

A discussão que envolve a cultura escolar não é fácil de ser compreendida, ainda mais quando abordamos a compreensão sobre a avaliação com uma possível relação com os valores dos professores, integrantes da dinâmica escolar. O ambiente cultural parece manter uma relação próxima com esta compreensão e com a forma como os professores desenvolvem seus métodos de acordo com os acontecimentos, por exemplo, como a questão da indisciplina dos alunos. Talvez, tal situação sinalize uma preocupação mais acentuada com o controle disciplinar do que com o conteúdo, o que demonstra a normatização da cultura institucionalizada da escola.

Entre as várias contribuições dos autores em relação à concepção de cultura, consideramos o conceito de Gómez e Sacristán (2000, p. 92) importantes no desenvolvimento dos nossos estudos em relação à cultura escolar, a qual poderia manter relações com a forma de avaliação dos alunos. Assim, a compreensão da avaliação pode refletir a cultura dos professores, suas experiências em interações no cotidiano escolar, a qual pode sugerir relações estreitas entre os envolvidos nos modos como os professores desenvolvem a avaliação na escola.

A Institucionalização da avaliação

Mas afinal o que a institucionalização tem a ver com a forma de o professor realizar a avaliação? Procuramos aqui discutir a relação da instituição escolar com o seu regimento, suas normas e regras, que poderia implicar nos modos como os professores avaliam, pois eles podem sinalizar em suas interpretações e ações, parte da organização interna da escola. Nesse caso, a

falta de um bom desempenho do aluno poderia ser compreendida como uma insatisfação daquilo que a escola representa para ele, ou ainda, no entendimento da instituição, poderia configurar-se como um mau desempenho que exige dos professores procedimentos de regulações na forma de avaliação.

Assim, Bruner (2001, p. 16) afirma que a cultura molda a mente dos indivíduos e, com expressão individual, faz parte da produção de significado, que constitui em atribuir importância a objetos e acontecimentos, em diferentes contextos, em ocasiões particulares, possibilitando encontros com o mundo, em seus contextos culturais.

De acordo com Eizirik e Comerlato (2004, p. 56) a instituição escolar divulga uma cultura que é percebida nas práticas classificatórias, no som da campainha, nos processos burocráticos e no controle das pessoas que vivem sob seu sistema institucional. Assim, os professores, através das interações, compartilham crenças que poderiam, a partir da realidade escolar e de suas estruturas rígidas, interpretar e construir socialmente a noção de avaliação, através da organização cultural já determinada no espaço escolar.

Para Eizirik e Comerlato (2004, p. 58), a escola é uma instituição sustentada por uma organização, com princípios rígidos, com os quais busca uma uniformidade nas atitudes dos atores que vivem em seu sistema. Assim, a escola precisa de normas regimentais em seu ambiente, pois ela comporta um grande número de pessoas, cada qual com suas crenças e representações. Entretanto, tais normas não devem ser analisadas somente sob a ótica da regulação, mas da organização do ambiente de aprendizagem.

As reflexões das autoras chamam atenção pela sensibilidade com que narram o cotidiano escolar e as relações de poder estabelecidas com os atores sociais que vivenciam, neste ambiente, uma rotina legitimada, por meio da cultura institucional. Tal cultura conduz a organização dos trabalhos escolares, a transmissão de saberes e a própria inculcação de valores. Esta situação ocorre através das práticas regulatórias e coercitivas que comandam o ritmo da padronização dos hábitos escolares, que poderiam ter relações com a forma com a qual os professores avaliam.

As formas de avaliação podem se compreendidas pelos alunos como uma regulação que está voltada para manter a ordem da mesma, controlando os tempos e os espaços com seu funcionamento rígido, apresentando uma grande incongruência entre a instituição que existe, com suas relações de poder e aquela que deveria existir.

Análise das práticas avaliativas

Com objetivo de analisar as relações da cultura institucionalizada da escola e a avaliação dos professores, realizamos uma pesquisa qualitativa com um grupo constituído por 10 professores do Ensino Fundamental, em uma escola situada na região Oeste do Paraná, que oferta 1ª a 4ª séries e 5ª a 8ª séries. Os sujeitos da pesquisa são os professores da escola, homens e mulheres com idades que variam entre 25 e 47 anos. Todos os pesquisados apresentam escolarização em nível de especialização, *lato sensu*, em suas áreas de formação. Os professores são graduados em História, Matemática, Pedagogia, Letras e Biologia e a experiência no magistério varia de 05 anos a 22 anos.

Optamos pela pesquisa qualitativa devido à análise detalhada que essa pesquisa oferece em relação às falas dos professores. Por exemplo, no estudo da avaliação é importante entender não apenas seu resultado, mas todo o processo como ela se construiu. E ainda, na pesquisa qualitativa, existe a necessidade de analisar os dados de forma indutiva, cujas abstrações são construídas a partir do agrupamento dos dados, sempre observando as reações dos investigados (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 47).

Após conversa com direção e coordenação pedagógica, entregamos um questionário com 07 questões para os professores, compreendendo a conceituação de avaliação, o seu significado, a preparação para avaliação, a relação da formação acadêmica, a orientação da instituição e a influência das formas de avaliação dos colegas.

Com relação à conceituação de avaliação, destacamos a fala de alguns dos professores que afirmaram; “*avaliar é procurar compreender o aluno nas suas limitações*”, ou ainda, “*saber do andamento de cada um*”; “*relacionar conhecimento com aquilo que já passou*”; “*acompanhar se o aluno progrediu no desenvolvimento intelectual com relação aos conteúdos programáticos e observar as dificuldades individuais*”; “*avaliar o aluno a todo momento em seu desenvolvimento cognitivo, suas atitudes com professores e colegas*”.

Nessa questão os professores demonstram que avaliar pode compreender mais que analisar somente o desempenho do aluno, mas a sua totalidade, seu desenvolvimento integral. Assim, entendemos que a sua conceituação é determinada pelas leituras que os professores fazem

durante a formação acadêmica que ressalta a avaliação contínua do aluno não só em relação ao conteúdo, mas aos modos de relacionamentos com os colegas.

Com relação ao seu significado, os professores pesquisados mencionam que, avaliar significa *“rever os conceitos e metodologias”, ou seja, “refletir por que o aluno não está aprendendo?”, “o que pode ser feito?” “E o que deve ser alterado com esse aluno?” ou ainda, “realizar uma sondagem da aprendizagem do aluno”*.

De acordo com as respostas dos professores, o avaliar assume o significado de preocupação com o sujeito aluno e com sua aprendizagem. Além disso, sinaliza preocupação com a metodologia utilizada e as possíveis formas de ajudar esse aluno a superar as dificuldades de aprendizagem e a evitar o fracasso escolar presente em nossas escolas através da repetência e do não aprender. Convém ressaltar que, em nenhum momento, foram citadas provas ou tipos de avaliação, mas o tempo todo foi dada ênfase para a auto-avaliação que o professor deveria fazer ao pensar em práticas avaliativas.

Sobre a preparação do aluno para avaliação, a maioria dos professores destacou que não preparam seus alunos, *“não preparo os alunos para serem avaliados, pois eles devem ser avaliados diariamente”,* ou ainda, *“o ato de ensinar é uma maneira de preparar para ser avaliado tanto na prova escrita como na prova oral”*. Já com relação a formas de avaliar, os professores responderam que, *“avaliam de acordo com a participação em grupo, comportamento e conhecimentos”, “através do interesse em buscar pela aprendizagem”, “através do progresso do aluno”*.

Nessas questões percebemos a preocupação com o sujeito aluno e a presença da avaliação contínua, através da participação dos alunos o que nos faz reportar à fala de um pesquisado sobre a prova escrita e oral, em que esse mesmo professor escreve que *“é preciso deixar alguma coisa escrita pelos alunos para provar determinada nota, mas sempre deixo claro para os pais que minha avaliação não depende simplesmente dessa avaliação”*. Essa resposta, talvez, esclarece as dúvidas deixadas pelos professores nas entrelinhas, ou seja, mesmo com toda ênfase dada na avaliação contínua e com a preocupação pelo sujeito aluno, é perceptível que, muitas vezes, os professores manifestam a institucionalização da cultura escolar, principalmente na parte de precisar provar a nota, ou ainda podemos entender que provar a nota pode significar o bom ou mau desempenho do aluno.

Sobre a influência da formação acadêmica, alguns pesquisados ressaltaram que “*a formação auxilia nos meus modos de agir*”, já para um dos professores “*a formação poderá contribuir, apesar de não determinar o meu modo avaliativo*”. Essa questão poderia retratar o que pensamos que seria ideal da avaliação, mas nem por isso retrata o que realmente é praticado no cotidiano escolar. A influência da formação acadêmica pode ser nítida nas conceituações do processo avaliativo, mas, nem por isso, determina o modo de avaliar a aprendizagem do aluno. Assim, nem sempre o que idealizamos em palavras, aproxima-se do que é praticado no processo avaliativo do ensino e aprendizagem.

É importante mencionar que essa questão reflete nossas indagações sobre a relação cultura escolar e avaliação. Nessa questão todos os professores afirmaram que “*consideram o sistema da instituição ao avaliar o aluno*”. Alguns professores mencionaram que, “*dessa forma recebemos apoio da escola*” e que “*às vezes as regras predeterminadas ajudam no referencial da avaliação*”. Diante das respostas dos professores compreendemos que a institucionalização da cultura escolar poderia, sim, determinar as práticas avaliativas dos professores através das normas e regulamentações, já determinadas e legitimadas pelo sistema institucionalizado da escola.

Convém ressaltar a importância que os professores atribuem ao apoio da escola e ao referencial, ou ainda, poderíamos pensar em uma padronização da avaliação realizada com o aluno, o mesmo que nas questões anteriores é avaliado pela participação contínua nos grupos e pelo seu conhecimento dos conteúdos. É interessante mencionar que, os professores exercem a avaliação que é legitimada pela instituição e não a avaliação que eles gostariam de realizar. Por isso, algumas contradições podem ser percebidas nas entrelinhas das respostas, o que implica na avaliação que deveria ser realizada e não na avaliação praticada.

Ao final dos questionamentos, indagamos os professores sobre as formas de avaliação e as possíveis relações com as práticas dos colegas. A maioria dos professores respondeu que sim, “*pois é bom saber e fazer o que os outros fazem com resultados positivos*”, “*a troca de experiência é uma forma de enriquecer a própria avaliação*”, “*sim de alguma forma a avaliação é relacionada com os demais educadores*”. Somente um professor afirmou que, de modo formal, desconhece a metodologia dos colegas, “*não tenho conhecimento da metodologia que os colegas utilizam*”.

As trocas de experiências entre os professores de modo informal, através das conversas na sala dos professores, ou ainda, nos corredores poderiam, também influenciar nas formas de compreender e de realizar as avaliações com os alunos. Tal situação pode ser analisada quando o professor destaca *“às vezes é bom saber ou fazer o que os outros fazem, pois pode dar certo para minha turma também”*. Ou seja, os professores buscam realizar formalmente a avaliação legitimada pela instituição e discutem de modo informal com os colegas em busca de referências de práticas avaliativas que apresentaram resultados positivos em outras turmas.

As situações mencionadas implicam em avaliações carregadas de crenças, de valores e representações formadas ao longo da formação acadêmica e delineada por meio da cultura institucionalizada da escola e da trajetória das interações vivenciadas pelos professores naquele cotidiano. A análise das respostas dos professores sinaliza vários aspectos importantes na realização da avaliação, o que instiga a pensar que, avaliar compreende ações desenvolvidas pela institucionalização da cultura escolar e pela prática dos professores que servem como parâmetro nesse processo.

Considerações finais

A articulação da fundamentação teórica com o trabalho de campo demonstra que precisamos rever nossos conceitos sobre o significado de avaliar o sujeito aluno, a aprendizagem, ou ainda, como essa prática é efetivada no cotidiano escolar. Assim destacamos a concepção de Luckesi (2005, p. 45) ao afirmar que a avaliação deveria auxiliar como um alicerce para qualificar o que acontece com o aluno e as formas de ajudá-lo a alcançar o que procura. Ou ainda, a avaliação deveria ser um referencial tanto para o aluno, quanto para o professor em delinear o caminho para uma aprendizagem significativa.

Com relação ao referencial percebemos no decorrer da pesquisa que essa referência pode não ser o aluno e nem o professor, mas a institucionalização da cultura escolar que exerce poder sobre as práticas dos professores no que diz respeito à realização da avaliação. Também destacamos a necessidade que os professores apresentam da instituição legitimar suas práticas avaliativas, pois assim, sentem-se apoiados por ela.

Assim, a situação mencionada poderia demonstrar uma insegurança por parte dos professores que buscam na institucionalização da cultura escolar uma referência para sistematizar a avaliação, pois a cultura da instituição escolar exerce relações de poder no seu cotidiano, que regulam as práticas dos professores e implicam nas formas de avaliar os eventos que ocorrem.

Convém ressaltar que a avaliação realizada pelos professores sofre a interferência de vários aspectos, dentre eles, a interação com as experiências dos professores no ambiente escolar. Tal situação é destacada pelos autores como Sacristán e Gómez (2000) sobre as influências recíprocas entre professores, como ocorre com as interações e intercâmbio que, devido à diversidade de culturas, são compartilhadas no cotidiano escolar e influenciam de alguma forma a compreensão dos professores sobre as formas de avaliar os alunos.

Consideramos que a institucionalização da avaliação pela cultura escolar gera desconforto aos professores que, apesar de abordar indiretamente, precisam provar para a instituição a nota do aluno. Entendemos que a avaliação deixa de ser tão contínua como foi afirmado inicialmente e o conhecimento do aluno e a sua participação nos grupos sofrem uma avaliação negada pelos professores, pois a avaliação integral do aluno passa a ter um peso e, assim, é medida e classificada pela institucionalização da cultura escolar.

A avaliação que pensamos e que falamos nem sempre se aproxima da avaliação praticada. E, assim, adotamos uma postura de analisar o desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e social e, ao realizar a avaliação, nos deparamos com os conceitos já institucionalizados, ou seja, predeterminados que transmitem segurança nas formas de praticar a avaliação do processo de aprendizagem. Destacamos que seria importante manter um equilíbrio nas formas de avaliar, ou ainda, ter um referencial que aproxime os vários olhares dos professores sobre a avaliação, suas crenças e valores, o que implica em considerar o sujeito aluno na sua totalidade e não apenas como uma nota para provar à instituição o seu saber, redesenhando, assim, o caminho para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

EIZIRIK, M. F.; COMERLATO, D. **A escola (in)visível: jogos de poder, saber, verdade**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FILHO, L. M. F.; GONÇALVES, I. A.; VIDAL, D. G.; PAULILO, A. L. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./ abr. 2004.

FRAGO, V. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 0, p. 63-82, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOUZA, C. P. **Avaliação escolar: limites e possibilidade**. Série Idéias n. 22. São Paulo: FDE, 1994, pg.89-90. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/int_a.php?t=018>. Acesso em: 20 out. 2007.